

# ITINERÁRIO DO ALMANAQUE DO ALUÁ Nº 2



# Ficha técnica

PRESIDENTE DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL  
**Luiz Inácio Lula da Silva**

MINISTRO DA EDUCAÇÃO  
**Fernando Haddad**

SECRETÁRIO EXECUTIVO  
**Jairo Jorge**

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE  
**Ricardo Henriques**

## **Pesquisa e Edição**

AÍDA BEZERRA  
ALEXANDRE AQUÍAR  
CLEIDE LEITÃO  
LUCIANA CARVALHO  
RENATO COSTA

## **Projeto gráfico/edição de arte**

CLAUDIA DUARTE

## **Consultoria**

LYGIA SEGALA

## **Digitalização e tratamento de imagens**

JOSELICE SOUZA DA SILVA

## **Revisão e Copidesque**

LUCILA SILVA TELLES

## **Equipe de Apoio das oficinas**

AÍDA BEZERRA  
ALEXANDRE AQUÍAR  
ANA RIBEIRO  
CÂNDIDA CAETANO  
CLEIDE LEITÃO  
JOSELICE SILVA  
LUCIANA CARVALHO  
MÁRIA DO SOCORRO CALHÁU  
RENATO COSTA  
ROBERTO DE LIRA  
RUTE RIOS

## **Coordenação e realização**

**SAPÉ – Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação**

AV. GENERAL JUSTO, 275, BLOCO B. SALA 312 – CASTELO

CEP 20021-130 – RIO DE JANEIRO/RJ

TELEFONE/FAX: (21) 2524-5122

E-mail: [sape@capina.org.br](mailto:sape@capina.org.br)

**RELATÓRIO FINAL**

**DO PROJETO**

**ALMANAQUE DO ALUÁ N. 2**

**LEITURA, CULTURA E FORMAÇÃO**  
**DE JOVENS E ADULTOS.**

**CONVÊNIO N. 014/2004**

**SECAD – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E**  
**DIVERSIDADE/MEC**

**SAPÉ – SERVIÇOS DE APOIO À PESQUISA EM EDUCAÇÃO**

**FEVEREIRO DE 2007**

## I . Antecedentes

### 1. Os diferentes significados de *Al-manah*

Depois do latim e do grego, o árabe foi a língua que mais contribuiu para a formação do nosso vocabulário e é na língua árabe que se encontra a palavra al-manah. Entre as versões para sua origem e significado temos usado as duas mais conhecidas: a primeira diz que a palavra vem de al-manah que significa o "círculo dos meses", a passagem do sol nos signos do zodíaco, e combina com a finalidade primordial dos almanaques que é de trazer o calendário com as estações, a luação, os eclipses, enfim, marcar a passagem do tempo. A outra versão, muito mais criativa, diz que a palavra vem de al-manah que significa "lugar onde se pára numa viagem", "estação de parada", "local onde o camelo descansa", referindo-se às doze "paradas" que a Terra faria no seu trajeto ao redor do Sol, nas casas do Zodíaco e lembrando, ao mesmo tempo, o local onde os condutores de caravanas paravam para descansar e trocar entre si notícias, histórias curiosas e fatos pitorescos, bem ao modo dos almanaques.

No Dicionário Aurélio encontra-se a definição de que se trata de publicação que, além de calendário completo, contém matéria recreativa, humorística, científica, literária e informativa. Mas encontramos também a expressão *de almanaque* significando cultura, saber, conhecimentos imperfeitos, incompletos e superficiais, portanto, inacabados.

Podemos observar que os significados da palavra almanaque já carregam alguns dos sentidos da publicação: marcar de diversas formas a passagem do tempo e expressar a riqueza da diversidade de gêneros textuais; muitos textos para diferentes leitores.

### 2. O itinerário do Almanaque do Aluá

Os almanaques chegam ao Brasil no século XIX, vindos principalmente da França e de Portugal, mas aqui vão se tornar populares nas primeiras décadas do século XX, como veículo de propaganda de laboratórios, indústrias farmacêuticas, de produtos agrícolas e também da Igreja Católica, sendo mais apropriado nos meios populares, provocando diversos tipos de leitura.

A escolha do SAPÉ, em 1992, de fazer um Almanaque teve a intenção fundamental de guardar coerência com as diretrizes teóricas do trabalho que desenvolvíamos no campo da educação de jovens e adultos, marcado pela noção de circularidade de saberes, pela diversidade de expressões/percepções, pela idéia de confronto; e pelo lugar que, nessa perspectiva, ocupam as culturas, as identidades e a autoria. Uma publicação que tivesse os "jeitos" do povo brasileiro, em cores, misturas e presenças.

O Almanaque precisava de um nome que lhe desse também identidade, e a escolha do nome Aluá foi motivada pelo seu significado. Aluá é uma bebida fermentada nos potes de barro, feita das cascas de abacaxi ou mandioca, da farinha de milho ou de arroz, como também o é a nossa cultura feita de várias gentes e cores, fermentando no solo desse país. Essa fermentação cultural, o Almanaque vem tentando exprimir em seu interior: idéias, sonhos, experiências, culturas, vidas.

O Almanaque é uma publicação que se caracteriza por trabalhar na fronteira entre a oralidade e a textualidade, como também pela diversidade textual que provoca múltiplas leituras, entre as quais as leituras das imagens que também são textos com informações e sentidos. Propõe em sua trama uma rede de significados. Oferece uma leitura sem linearidade, que pode ter seu início a partir de qualquer página; remetendo, em alguns casos, a continuidade do texto em outra página, assim como a possibilidade de ler de frente para trás, de trás para frente. Expressa também uma forte relação com o tempo, seja o tempo cronológico datado pelo calendário, seja o tempo dos acontecimentos, dos ciclos da vida e da terra.

Resguardando as características desse estilo de publicação o "Almanaque do Aluá" foi concebido como material de apoio à prática pedagógica dos educadores de jovens e adultos e como material de leitura para jovens e adultos em processo de consolidação da leitura e escrita.

Assim, em 1992, se produziu o Almanaque do Aluá nº 0, em caráter experimental, tendo como eixo temático *A descoberta da palavra e a descoberta do Novo Mundo*. Na ocasião comemorava-se os 500 anos de descobrimento da América. Embora com uma pequena tiragem, de apenas 2.000 exemplares, o retorno de sua avaliação nos indicou sua receptividade e relevância. Somente em 1997, o SAPÉ conseguiu recursos que viabilizassem a edição do n.º 1, desta vez tendo como eixo temático *O trabalho em tempos de globalização*, contando com a parceria fundamental do CNFCP – Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, e com uma tiragem de 5.000 exemplares.

### **3. A parceria com a SECAD**

Em 2005, em função da parceria celebrada entre o SAPÉ e a SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do MEC, através do Convênio SECAD/MEC nº 014/2004, foi possível produzir o Almanaque do Aluá n.º 2, dessa vez com uma tiragem de 330 mil exemplares e tendo como temática central *A construção da paz na diversidade*. Essa parceria para nós teve um sabor especial, pois oportunizou, com a ampliação da tiragem, um alcance mais equitativo na distribuição e finalmente pudemos fazer com recursos públicos a produção de um material que, desde o seu nascedouro, tinha um caráter público.

## II. Concepção e Planejamento

### 1. O seminário de concepção do Almanaque do Aluá nº 2

A primeira etapa da produção do almanaque abarcou as seguintes atividades: concepção e planejamento, na qual constam as atividades de organização e realização do Seminário de concepção, aprofundamento das temáticas debatidas no seminário, estrutura da publicação, definição dos eixos temáticos e mapeamento do tempo interno da publicação.

A escolha temática embora definida por ocasião da negociação do projeto com a SECAD/MEC tratando da "*construção da paz na diversidade*" foi debatida e amadurecida no seminário inaugural.

O seminário foi realizado numa casa perto da praia, na localidade de Santo Antônio, distrito de Cabo Frio/RJ, durante os dias 24 e 25 de janeiro de 2005. Estiveram presentes os técnicos responsáveis pela execução do projeto: Aída Bezerra, Alexandre Aguiar, Cleide Leitão e Renato Costa; a consultora do projeto do Almanaque, especializada em antropologia da imagem, Lygia Segalla, e a educadora Socorro Calhau, colaboradora do SAPÉ e alfabetizadora de jovens e adultos de longa data.

Após um breve histórico da experiência do SAPÉ nos almanaques anteriores, para situar o chão da proposta, demos asas a imaginação para pensar as grandes linhas de discussão, os eixos temáticos que orientaram a pesquisa, e a formação da rede de parceiros e colaboradores na produção desse almanaque, com o cuidado de não perder o foco nos leitores privilegiados da publicação: os educadores de jovens e adultos e os jovens e adultos considerados neo-leitores, ou seja em processo de consolidação da leitura e da escrita.

A primeira ênfase foi dada ao "espírito do almanaque", reafirmando a natureza artesanal, na qual cada página é um bordado; o que implica numa outra ordem de produção. Ele é atravessado pela presença do tempo, ou melhor, dos tempos (da vida, da morte, da colheita, do trabalho, da simultaneidade, etc) e da temporalidade (o recorte de hoje, o contemporâneo) narrando histórias no/do tempo.

Tudo é material de leitura. É, portanto, literário. Abre-se à dinâmica da circularidade de saberes: popular e erudito; isso, aquilo e aquilo outro. Palmilhado de idéias, dificuldades e desafios. Não se trata de uma leitura facilitada. Ao mesmo tempo é provocante, envolvente, sugerindo a partilha, um passo a mais. Bem afirmativo da circularidade: diferentes pontos de vista, diferentes versões, diferentes apreensões, ressaltando o que nos diz Boff *que todo ponto de vista é a vista de um ponto*.

### 2. Os eixos temáticos e o tempo interno

Em relação à temática central *A construção da paz na diversidade*, o seminário desencadeou a discussão que foi retomada em muitos outros momentos ao longo da produção, aprofundando a ênfase que queríamos dar ao tema. Não queríamos tratar de uma paz abstrata e branca, idealizada e distante de nossa realidade como algo inatingível; mas sim dar força à idéia de uma paz construída, por vezes pequena, provisória e circunscrita a determinadas situações, uma paz possível, como fruto de trabalho diário, de exercício a ser feito em um cotidiano turbulento e marcado por possibilidades de negociação, de trocas de sentidos, significados e valores, que considerassem as diferenças, divergências e confrontos na produção de algum consenso solidário, mesmo que de forma provisória.

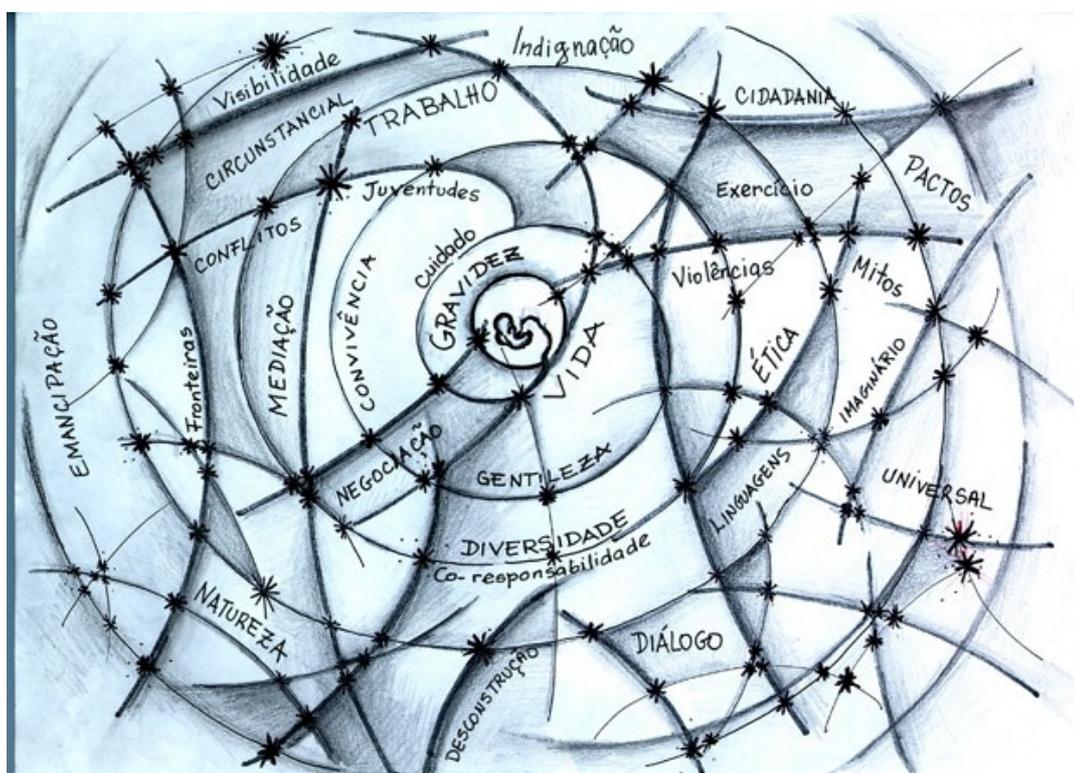
Com esse enfoque não dava para tratar a paz sem abordar como eixos temáticos:

- **as religiões e suas cargas culturais**, a intolerância religiosa, o fundamentalismo, a verdade tomada como definitiva e absoluta, a proximidade com o poder de Deus: "Não sou o dono do mundo, mas sou filho do dono" - diz a frase colada nos carros pela cidade, o sentido da irmandade, da fraternidade, o confronto com as expressões religiosas africanas, os sistemas indígenas;
- **os mitos da paz**, idéias antagônicas e dicotômicas do bem e do mal, o gerenciamento dos conflitos para o bem da maioria. Paz não é ausência de conflito. Outros símbolos da paz: para além da pombinha e do arco-íris que refletem a paz como algo que está entre o céu e a terra. Mas a paz como exercício, buscando o sentido de paz em outras culturas: muçulmanos, egípcios, asiáticos, indianos, budistas, etc. **As lógicas de reciprocidade**. A solidariedade, o jeitinho como marca dos países subalternos. Na formação histórica do Brasil não houve espaços de mediações e negociações. A marca da escravidão. A falta de regras de negociação. A abertura de canais de circulação das soluções. A paz precisa de regras válidas. A solução do imediato tem validade curta e, às vezes, se atém ao pessoal. Negociação/conflito/diferença. O papel do imaginário. A doação como pressuposto da retribuição.
- **Como que o diverso conversa**, o papel da mediação. O mediador como aproximador, contribuindo na compreensão de um e de outro, levantando possibilidades de conexão e diálogo. **A dimensão educativa do mediador**. A função da educação na construção da paz. As diferenças construindo algo comum em direção às políticas públicas. Gestão coletiva da cidade. A consideração do território. O reconhecimento das fronteiras para renegociar a sua existência, o seu sentido de separação, abrir brechas, vasos comunicantes. As permanentes tentativas do diálogo/confronto de diferenças, confronto produtivo. Aproximação, ouvir e conhecer o outro. Superar o medo.
- **Paz e violência**, os conteúdos da civilidade, o exercício da delicadeza. A luminosidade do profeta Gentileza. O cuidado com a gente mesmo e com o outro. A construção do mundo que queremos. O mesmo chão que produz a barbárie produz alternativas.
- **A estreita relação entre paz e trabalho**, o exercício de um equilíbrio possível e circunscrito a um determinado contexto. O exercício da convivência. A vida e a reposição da vida como trabalho. O sentido: a humanização das relações, a inscrição no cosmos, o cuidado com a existência de todos e de tudo. O simulacro da paz.
- **Alfabetização e sistemas de pensamento**, a Língua Portuguesa falada no Brasil e a sua sinuosidade, traduzindo um pensamento sinuoso e flexível. Os diferentes falares. Capacidade de costura cultural. Pe. Antonio Vieira. Expressão e comunicação. Provocação da co-responsabilidade, comprometimento com o outro, a co-responsabilidade. As diferentes línguas.
- **Relação com a natureza**, a bio-pirataria, mercado dos saberes tradicionais. Biodiversidade. Sociodiversidade. A questão da mídia e do consumo. Co-responsabilização.

Pelo tema e pela forma como discutimos as questões, as idéias apareceram em forma de espiral. O tema não podia ser tratado de forma linear. O centro do almanaque não é a diversidade, mas a mediação. Por esse motivo, a lógica que permeia o trabalho é a lógica do caos, uma lógica explosiva. Temas que explodem em muitas direções e que

se relacionam entre si gerando sempre novas explosões (Bergson<sup>1</sup>). Assim, o almanaque apresenta dados sobre cada tema com pontos de vista divergentes para coloca-los em discussão, em confronto (isso, aquilo e aquilo outro). O estilhaço como visibilidade da paz de forma dinâmica. Ao mesmo tempo, o trabalho, a ação, e a preparação, a **gravidez**, a acumulação de possibilidades surpreendentes. O elemento surpresa conectado à criação, à arte, ao belo. Ética e Estética. A construção da cidade de todos. A esperança, a gentileza e o cuidado.

O mapeamento do tempo interno exigiu muitas discussões até adquirir forma e sentido concretizando-se por uma outra maneira de organizar a edição das páginas, completamente diferente do que já tínhamos feito até então, mas em sincronia com o tratamento da temática central.



Desse modo, o tempo interno e o ritmo, definidos pelo mapa, provocaram uma outra forma de construir o Almanaque. Um movimento foi o do calendário, referido ao ano de 2006, que se deslocava de uma das pontas da publicação para o meio, sugerindo uma ordenação da desordem. Um outro movimento foi predominantemente marcado pela explosão de estilhaços-temas que do centro do Almanaque se espalharam em direção ao início e ao fim da publicação.

O desenho final do Mapa Temático definiu uma estrutura convidativa à interação do leitor. A imagem do mapa, muitas vezes associada a rede, mandala, espiral, destaca idéias-força que inspiraram a pesquisa de textos e imagens.

<sup>1</sup> Henri Bergson. *Evolução criadora da vida*. mimeo

### **III - Um bordado de muitas mãos**

#### **1. A produção coletiva**

A produção do Almanaque envolveu muitas mãos em sua composição: da equipe responsável pela pesquisa e edição à composição do Conselho Editorial; da mobilização da rede de parceiros à parceria da SECAD/MEC no acompanhamento constante do trabalho.

Na medida em que as discussões avançavam, a equipe responsável pela pesquisa e edição coletava textos e imagens relacionados às temáticas entrelaçadas. A uma certa altura, como previsto, agregamos mais um componente a essa equipe: uma antropóloga que nos foi indicada pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, importante parceiro na produção do Almanaque do Aluí n.º 1.

Concomitantemente, íamos organizando a rede de parceiros e colaboradores a serem mobilizados nessa produção. Essa rede é composta por pessoas residentes em diversos estados brasileiros e também no exterior. São conquistas recentes ou pessoas que se fizeram presentes nas outras edições do almanaque do aluí e que apostam na idéia de um material de leitura como este em apoio às iniciativas de educação popular. A contribuição desses parceiros se deu de diferentes maneiras: através do envio de materiais e textos para publicação, da avaliação do roteiro temático, entre outras.

#### **2. A composição do Conselho Editorial**

Na composição do Conselho Editorial tentamos contemplar alguns aspectos que na produção deste Almanaque consideramos fundamentais: a diversidade cultural dos componentes e a possibilidade de diálogo e o envolvimento deles, em suas respectivas áreas, com a discussão da temática de fundo. A primeira reunião do Conselho foi realizada no início de maio de 2005, ocasião em que apresentamos e debatemos a proposta do Almanaque do Aluí n.º 2 e o mapa temático que orientaram a pesquisa e a edição. Uma vez editada a primeira boneca, enviamos cópia para todos os participantes a fim de que a conhecessem e, na medida do possível, contribuíssem com sugestões que pudessem melhorar a publicação. De modo geral, o retorno foi muito elogioso e, particularmente, as contribuições de Claudius Ceccon foram fundamentais na composição iconográfica final.

#### **3. As pesquisas bibliográficas e iconográficas**

A produção do Almanaque do Aluí se consolida através de uma pesquisa de textos e imagens que traduzem a temática trabalhada em cada número. No almanaque n.º 2, o tema "a construção da PAZ na diversidade" sugeriu uma série de subtemas, como já exposto anteriormente neste relatório. Devido à complexidade da temática, a pesquisa bibliográfica e iconográfica realizada foi bastante extensa e mobilizou, além das consultas às redes informatizadas, 217 livros (Anexo Acervo) e uma série de textos solicitados, escrito pelos autores diretamente para o Almanaque do Aluí n.º 2, e as suas respectivas autorizações para publicação.

O fato de estarmos convencidos de que a formação de leitores também implica no uso e apropriação de diferentes linguagens de expressão, que ampliem a capacidade de comunicação e apreensão do universo dessas pessoas, fez desse campo de pesquisa

iconográfica também um terreno de identificações de conexões com a temática explorada.

Uma preocupação constante na pesquisa para o Almanaque foi a de estar atento à diversidade cultural presente nas regiões do Brasil e trazê-la para dentro do Almanaque, imprimindo assim vida e identidade à publicação. O Almanaque deveria ter a cara do Brasil e as pessoas a possibilidade de reconhecer nele. Mais uma vez a rede de parceiros do Almanaque foi fundamental para que essa característica fosse mantida.

O Almanaque do Aluá nº 2 tinha também a preocupação de dar visibilidade a grupos e/ou pessoas que comumente parecem ser invisíveis à sociedade. Nesse sentido, alguns textos e seções evidenciaram esse aspecto, como é o caso dos textos: "*Vitória Street Dance*", de jovens bailarinos da periferia de Vitória-ES, "*tempo*" de Carlos Alberto do Nascimento, interno do presídio de Cachoeira do Sul e "*Olha a flor do Pai*", sobre a criação das APAEs, além da seção: "*palavras de educadoras*".

Um outro destaque importante, ainda nessa direção, é o que diz respeito à capa e contracapa do almanaque. As ilustrações da artista Maria do Socorro Santos foram gentilmente cedidas pelo Instituto Franco Basaglia, do Pinel, onde a pintora militava (luta anti-manicomial) enfrentando, junto com outros, os seus limites, na perspectiva da autonomia das pessoas portadoras de transtornos mentais.

#### **4. A conversa entre: programação visual, produção/seleção de textos e escolha das imagens**

A produção do Almanaque do Aluá nº 2 foi bastante diversa das experiências anteriores. Vale lembrar que a edição deste número começou pela página central – a explosão da vida, a imagem do DNA e o texto de João Cabral de Melo Neto, que anuncia com entusiasmo o nascimento de uma criança (um menino que, como diz o autor: "*saltou para dentro da vida*"). O cuidado com a vida, expresso pela canção de ninar, sintetiza a temática da PAZ.

Esta foi uma conversa constante que se estabeleceu ao longo de toda edição, página por página, considerando as diversas conexões que estavam em jogo: os conteúdos, a arte, e a cultura. Exigiu uma enorme cumplicidade de toda equipe e, ao mesmo tempo, uma postura de humildade: valia o peso expressivo da composição dos diversos tons e teores. Muitas imagens e textos foram reavaliados nesse esforço de equilíbrio. Nessa trajetória da produção e edição, muitas vezes a pesquisa teve que correr paralela em busca de algo a mais que, de repente, se revelara necessário. Pesquisa e edição se influenciaram mutuamente agregando novas indagações ou novas idéias.

Esse trabalho conjunto é que deu alma à publicação. Não houve uma pessoa responsável unicamente pela edição. Todo o grupo intervia na produção e discussão das páginas seja no conteúdo ou na forma. Aqui é preciso também fazer um destaque à pessoa responsável pela programação visual que estava sempre aberta a acolher as idéias dos membros do grupo e procurava traduzir isso na composição das páginas, ainda que o trabalho tivesse que ser refeito duas ou três vezes.

## **IV – A publicação e a distribuição**

### **1. A escolha da gráfica**

A escolha da Gráfica que iria se responsabilizar pela impressão do Almanaque do Aluá obedeceu a todos os trâmites impostos pelo uso de recursos públicos. Foram abertas as candidaturas, expostas as condições do Pregão, marcadas as datas, etc. Para tanto o SAPÉ contou com o apoio e assessoria da SECAD e com isso deu garantia à lisura de todos os procedimentos.

As melhores condições foram apresentadas por uma Gráfica de Recife: a Gráfica Liceu, que responde pela qualidade da impressão do Almanaque do Aluá nº 2. Todo material da publicação, devidamente editado, foi entregue à Gráfica, em forma de CD, pela responsável pelo Projeto Gráfico e Edição de Arte. Mas, até que a publicação saísse do prelo, foram muitos os entendimentos entre o SAPÉ e os responsáveis pela impressão. Fizemos duas visitas à Gráfica para acompanhamento da impressão, empregamos um bom tempo com duas revisões do material impresso até que ele ficasse a contento. Esse foi um período de muita ansiedade dados os prazos a que estávamos todos submetidos.

### **2. Chegando às mãos dos leitores**

Os primeiros exemplares do Almanaque do Aluá nº 2 ficaram prontos em abril de 2006. De acordo com o contrato firmado com a Gráfica Liceu, do Recife, ganhadora do processo de licitação, a tiragem de 330.000 exemplares foi diretamente remetida para Brasília, de onde foi distribuída pelo Ministério da Educação para todo o Brasil. Ao SAPÉ, coube apenas a distribuição de sua cota de 1%, o correspondente a 3.300 exemplares.

A proposta de distribuição elaborada pelo MEC, contou com o acompanhamento da equipe do SAPÉ. Nela, foi priorizada a distribuição junto aos alfabetizadores do Programa Brasil Alfabetizado. Cerca de 200.000 alfabetizadores do Programa receberam o Almanaque pelo correio em sua própria casa. Os 126.700 exemplares restantes na cota do Ministério foram distribuídos entre as escolas que possuem a modalidade de EJA, inscritas no Programa Fazendo Escola, também coordenado pela SECAD, e outros projetos ligados a esta Secretaria. De acordo com informações do próprio Ministério houve uma grande demanda por parte de outros projetos ligados ao MEC ou a outras Secretarias e Ministérios que não pode ser totalmente atendida. Foi o caso, por exemplo, do Projeto Saberes da Terra, projeto voltado para educação de jovens e adultos no meio rural, que chegou a solicitar 5.000 exemplares para serem distribuídos entre educadores e alunos vinculados ao Projeto.

Com relação aos exemplares, cuja distribuição era de responsabilidade do SAPÉ, também houve demandas não atendidas, não somente pelo limitado número de exemplares que dispúnhamos, como também pela falta de recursos que cobrissem os gastos com correios, já que não foi possível para o Ministério apoiar esta ação com os recursos restantes do Projeto.

Na distribuição realizada pelo SAPÉ foram priorizados os Movimentos Sociais e outras ONGs que trabalham com educação. Para a distribuição realizada em outras cidades e estados contamos, em muitos momentos, com o apoio de parceiros, além dos próprios integrantes de nossa equipe que serviram de portadores, aproveitando viagens pessoais ou de trabalho. Nessa mesma linha, usamos como estratégia de distribuição a participação em congressos e seminários, como foi o caso do Seminário Nacional de

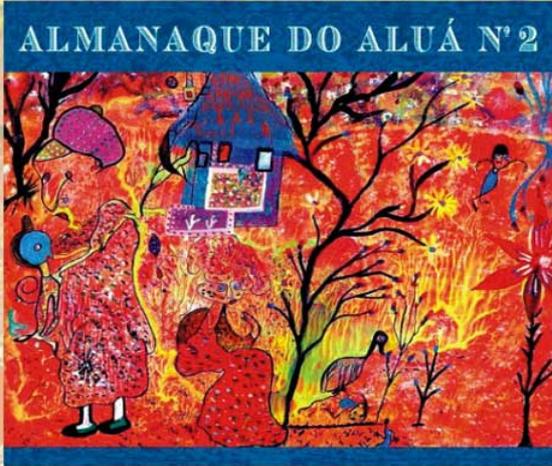
Educadores de EJA que reuniu, em Belo Horizonte, representantes de universidades de todos os Estados Brasileiro.

A parceria com o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular do IPHAN também permitiu que um bom número de exemplares pudesse chegar a projetos de cultura popular espalhados pelo país.

Um mês após o início das primeiras distribuições feitas pelo MEC e por nós começamos a receber, no SAPÉ, os roteiros de observação contendo as impressões dos leitores; e aí pudemos perceber que, se os 330.000 exemplares não eram suficientes para atender a demanda existente, pelo menos eles estavam sendo rapidamente e bem distribuídos por todo território nacional. Nos primeiros meses chegamos a receber uma média de 10 a 15 roteiros por dia, vindos dos lugares mais variados e distantes. Juntamente com as impressões, comentários e sugestões chegavam também novas demandas. Algumas, solicitando mais exemplares desta edição e outras que pediam antigas ou futuras edições do Almanaque do Aluá. O correio eletrônico do SAPÉ foi amplamente utilizado para esses e outros tipos de solicitações.

## 2. Lançamento oficial

Por ocasião de um encontro do Fórum EJA/RJ, em 15 de maio de 2006, em um dos auditórios da UERJ, o Almanaque do Aluá teve o seu lançamento oficial. Presentes estavam o Secretário da SECAD, o dr. Ricardo Henriques, o dr. Timothy Ireland, Diretor de EJA da SECAD e, em nome do SAPÉ, Cleide Leitão apresentou o Almanaque do Aluá, sua história e seus encantamentos.



**ALMANAQUE DO ALUÁ Nº 2**

A SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do MEC e o SAPÉ - Serviços de Apoio à Pesquisa em Educação têm o prazer de convidar para o lançamento do **Almanaque do Aluá nº 2.**

Além da equipe de produção do Almanaque, o evento contará com a presença do Secretário Nacional de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Dr. Ricardo Henriques e do Diretor do Departamento de Educação de Jovens e Adultos, Dr. Timothy Ireland.

**Data: 15/05/06 - 14h • Local: Fórum EJA/RJ - UERJ - Auditório 11 - 1º andar**

Nas imagens, quadros da série "Lugares Secretos" de Maria do Socorro Santos (1952-2005), pintora e militante do Movimento Antimanicomial do Rio de Janeiro

## V. As oficinas do Almanaque do Aluá nº 2

### 1. O novo adendo ao convênio e as negociações preliminares

Encerradas as atividades relacionadas ao encaminhamento da publicação do Almanaque, constatou-se a existência de uma sobra nos recursos de execução do projeto constituída: por uma economia nos custos de impressão; pela poupança feita pela equipe, dada a sua postura com relação à administração dos recursos públicos sob sua responsabilidade; e pelo rendimento financeiro decorrente do depósito mantido no Banco do Brasil.

Em negociação com a SECAD, a respeito da aplicação do restante dos recursos do convênio, a escolha da própria SECAD recaiu sobre a conveniência da realização de oficinas com educadores de EJA, em todas as unidades da federação. As oficinas abririam oportunidades para as descobertas de usos e possibilidades do Almanaque nos processos de formação de leitores jovens e adultos; e a isso o SAPÉ agregou a necessidade do processamento dos elementos de avaliação incluídos como roteiro na própria publicação. Em torno desses interesses, e para delinear a formalização da aplicação das sobras, o SAPÉ elaborou uma proposta de trabalho para essa etapa, e um novo adendo ao convênio foi assinado entre SECAD e SAPÉ apoiando a proposta encaminhada e estendendo o prazo de execução até dezembro de 2006.

### 2. As estratégias e os procedimentos adotados

Ficou acertado que os principais interlocutores, para efeito de convocação e organização das oficinas, em todo território nacional, seriam os Fóruns EJA dos estados. Apoiada nas informações obtidas, junto à própria SECAD e à Comissão Nacional dos Fóruns, a equipe do SAPÉ se munuiu dos nomes dos representantes, endereços e contatos diversos para estabelecer a devida negociação preparatória à realização das oficinas.

Algumas estratégias e procedimentos foram montados pela equipe tendo em vista, de um lado, a agilização das negociações com as representações nos estados e, de outro, a potencialização dos recursos e da disponibilidade dosicineiros envolvidos. Assim, entre as estratégias, consideramos em primeiro lugar uma ordenação do **atendimento por regiões** priorizando, na medida do possível, as regiões mais próximas que indicavam a possibilidade de uma negociação mais rápida. Ou seja, por ordem, atenderíamos: primeiramente ao sudeste, depois ao nordeste, ao centro oeste, ao sul e, por último, ao norte.

A segunda estratégia foi a **escolha de roteiros de viagens** que otimizassem o emprego do tempo e dos recursos. Agendar, por exemplo, para um único percurso, uma seqüência de oficinas: Paraíba e Rio Grande do Norte, ou Cuiabá, Brasília, e Palmas, ou Manaus e Boa Vista, etc. Pelo mapa que apresentamos abaixo, é possível fazer uma leitura da execução desse planejamento. Podemos observar que, salvo algumas ocorrências isoladas, como no Rio Grande do Sul e em Pernambuco, no geral, conseguimos cumprir o que foi projetado.

Uma outra estratégia, e aí pensando na qualidade da oficina, foi garantir a participação de uma **dupla de oficineiros**. É desnecessário argumentar que, em dupla, o rendimento pedagógico é muito mais rico e denso do que é possível esperar de uma única pessoa obrigada a se desdobrar na atenção à diversidade de aspectos que suscita uma atividade como a realização de uma oficina. Temos tranqüilidade em

afirmar que as oficinas não teriam obtido o grau de sucesso comprovado se os oficinairos não contassem com esse apoio mútuo.

Em termos de procedimentos, encaminhamos, via correio eletrônico, como uma primeira providência, uma **circular** (v. Anexo Oficinas) a todos os representantes de Fóruns EJA nos estados inteirando-os: da proposta das oficinas; da função do SAPÉ nessa atividade de extensão da publicação do Almanaque do Aluá nº 2; e das responsabilidades que seriam atribuídas aos respectivos Fóruns estaduais e aos seus parceiros locais que aderissem à proposta. Esta circular complementava uma comunicação que a própria SECAD teria enviado às Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, e aos Fóruns EJA, em particular, dando ciência do projeto em andamento.

Foi considerada indispensável a elaboração de um **roteiro de trabalho** que orientasse a dinâmica das oficinas, mesmo guardando espaço à expressão das peculiaridades dos oficinairos e de cada oficina, e que servisse de guia à seqüência das atividades que constituiriam o fundamental do encontro. Uma vez elaborado e debatido pelo conjunto da equipe, o roteiro foi submetido a uma experimentação para observar a sua adequação e as necessidades de reajustes. Essa experimentação foi feita no âmbito do Fórum Mundial de Educação, que teve lugar em Nova Iguaçu/RJ, e, só depois deste teste e de seus reajustes, o roteiro (v. Anexo Oficinas) foi tomado como definitivo.

Ainda, como dispositivos de **registro e controle** foram idealizadas matrizes que apoiassem os relatórios de atividades de cada oficina e o relatório financeiro (v. Anexo Oficinas). Assim, se tornava possível e disciplinada a recuperação da experiência e a possibilidade de uma sistematização posterior, bem como a comprovação dos gastos efetivados em cada uma das viagens realizadas.

### **3. As atividades preparatórias**

Nem sempre as negociações com os Fóruns estaduais se passaram num ritmo conveniente às expectativas de quem, como nós, tinha prazo e recursos a administrar. Muitas dessas tentativas de comunicação levaram meses até uma definição mais precisa dos quadros locais que assumiriam a responsabilidade pela convocação e organização da oficina. Às vezes, o endereço eletrônico ou telefone da pessoa indicada como responsável estadual já não era o mesmo; outras vezes, já era uma outra pessoa quem respondia pelo encargo; e, ocorreu também, que alguns Fóruns estaduais, ainda numa fase de consolidação, não contavam com um poder de convocação suficiente para as articulações que se faziam necessárias. Vale informar ainda que, em raros casos, a conjuntura política local, com interferência no próprio campo das instituições de educação, dificultou um entendimento entre os parceiros para a definição da esfera de responsabilidade em relação à oficina.

Do ponto de vista das condições locais, tivemos algumas vezes que negociar a mudança de datas diante de impedimentos incontornáveis (férias dos professores, festejos juninos no nordeste, Copa Mundo, diferentes feriados e dias santos etc.). Todas essas dificuldades exigiram muita tranqüilidade de ambos os lados para encontrar uma boa solução para os nossos interesses. Enfim, com menor o maior dificuldade chegamos sempre a um bom termo.

Alguns procedimentos de apoio à organização e convocação das oficinas ajudaram a estruturar a atividade. A delimitação do número máximo de participantes e a duração da oficina foram propostas logo no início das negociações: mais de 40 participantes poderia prejudicar a dinâmica dos trabalhos e a duração ideal para abrigar o conjunto das atividades previstas seria de seis horas. A convocação deveria privilegiar os

educadores das redes públicas (aproximadamente 70% dos participantes), mas seria conveniente guardar um espaço para a participação de educadores vinculados a outras iniciativas (movimentos sociais, ongs, sistema S, outros projetos de alfabetização etc.). Para facilitar o trabalho dos convocadores, no caso de terem que lidar com mais candidatos do que poderiam abrigar, elaboramos uma ficha de inscrição (v. Anexo Oficinas) que oferecesse elementos para uma possível seleção podendo, ao mesmo tempo, servir como um cadastro desse universo de interesses para efeito de eventos futuros ou do fortalecimento dos Fóruns. A nosso cargo ficariam: uma folha de presença (v. Anexo Oficinas) que circularia durante a oficina e uma declaração de participação (v. Anexo Oficinas), assinada pelos oficinairos, que servisse como documento de justificativa dos educadores junto às suas organizações.

Sabendo que a equipe do SAPÉ seria insuficiente para responder ao conjunto das oficinas programadas, selecionamos, entre os educadores que mantêm um contato mais estreito com as nossas atividades, alguns que pudessem trabalhar em dupla com um de nós. Como preparação tivemos mais de uma reunião de exploração do roteiro e de aprofundamento das possibilidades da oficina. Em pouquíssimos casos, fizemos apelo a oficinairos que já se encontravam na área de trabalho como: Luciana (que participou da equipe de produção do Almanaque), na ocasião vinculada a um projeto em Santarém; e Roberto, animador cultural, em Recife.

Em termos de material suporte das oficinas, nos assegurávamos sempre de que um lote de 50 exemplares, enviado pela SECAD, havia chegado aos endereços dos Fóruns. Quando isso não ocorria (São Paulo, Florianópolis, Belém, Macapá, Porto Velho e Cuiabá), lançávamos mão da reserva do SAPÉ, na expectativa de uma posterior reposição pela SECAD. Fazia parte, ainda, do material de apoio às atividades: alguns almanaques antigos de nosso acervo, para ilustrar o debate sobre o estilo e a história da publicação; dois textos ("Almanaque do Aluá: leitura, formação e cultura" de autoria de Alexandre Aguiar e Cleide Leitão, e "Como se inventaram os almanaques", conto de Machado de Assis); o mapa temático do Almanaque do Aluá nº 2; uma diversidade de recursos para as atividades expressivas/criativas (papéis de qualidades e cores variadas, sementes, flores secas, bandeirinhas, retalhos de vários tipos de tecido, bonequinhos, fitas e rendas, colas, tesouras, recursos para desenho e pintura etc).

#### **4. Realização**

Apesar das pequenas variações que apareciam como uma decorrência normal do jeito peculiar de cada oficinairo e/ou das possibilidades oferecidas pela articulação das diferenças entre as duplas de oficinairos, as oficinas obedeciam a uma dinâmica mais ou menos prevista. Essa dinâmica abria espaço à explicitação do conjunto de participantes nas suas especificidades e potencialidades. Assim, cada oficina era única: a cultura, o contexto, os participantes é que, com as oportunidades criadas para a sua expressão, produziam um resultado particular da experiência vivenciada.

Vamos encontrar nos registros de cada um dos encontros as marcas dessa identidade. Mas vamos também conseguir reconhecer muitos traços de convergência nas formas de apreensão, nas descobertas e sugestões, nos encantamentos e surpresas, e nas avaliações.

Para se fazer uma idéia do percurso médio de uma oficina e do clima suscitado, podemos adiantar que a abertura se dava com ênfase na criatividade tentando, de início, associar ao almanaque essa característica. Colocávamos no centro da sala os diferentes recursos de expressão e organizávamos uma pequena exposição de almanaques. Depois distribuíamos entre os participantes os crachás em branco

solicitando que cada um(a) confeccionasse a sua identificação em torno do nome pelo qual preferiam ser conhecidos e fazendo recurso aos materiais que ali estavam à sua disposição. Os oficinairos também participavam da mesma atividade.

Dispostos em círculo, os participantes se apresentavam (nome, de onde vinham, o que faziam como prática educativa) e já se notava a grande curiosidade para os modos, letras, cores e enfeites com os quais cada um se identificava. Assim se instalava um clima alegre e comunicativo. Alguns oficinairos aproveitavam esse momento para mapear as expectativas agregando a pergunta: o que eu trago de bonito (ou melhor) para essa oficina e o que espero levar?

A seguir distribuíamos os exemplares do Almanaque o Aluá nº 2, e esse sempre foi um momento de curiosidade e encantamento. Deixávamos sempre um tempo para esse primeiro contato com a publicação e só depois começávamos a fazer um levantamento da experiência que o coletivo trazia de outros almanaques. Lembranças de infância, de publicações que circulavam em suas famílias, da importância que tomava como material de consulta, leitura e divertimento.

Feita esta socialização que abria uma oportunidade para muitas conversas, tentávamos sistematizar o que havia de comum entre todos esses almanaques e fazíamos circular os diferentes almanaques que estavam expostos. Com isso se procurava construir, juntos, a estrutura e o estilo daquele tipo de publicação. Só então começávamos a explorar a história dos almanaques, distribuindo um texto de apoio, e chegávamos ao Almanaque do Aluá, ao SAPÉ, ao convênio da SECAD e às características daquele almanaque como material de formação de leitores.

Para finalizar essa etapa, abríamos espaço a um exercício de leitura partilhada usando o conto de Machado de Assis "Como se inventaram os almanaques". Esse sempre se constituiu num momento de muita participação e contentamento; um pouco da veia teatral do grupo.

A partir daí, a oficina mudava qualitativamente de tom. A maioria das vezes, era nessa ocasião que se fazia um intervalo para lanche. Retomávamos diante do mapa temático do Almanaque do Aluá nº 2 percorrendo os caminhos de sua concepção, a temática central, sua lógica, seu tempo interno e o percurso de sua produção. Depois dividíamos o coletivo em grupos (dependendo do número de participantes, o número de grupos variava) e, de posse de um pequeno roteiro para a exploração do Almanaque, os grupos trabalhavam por cerca de quarenta e cinco minutos.

Aconselhávamos a começar os trabalhos pela leitura partilhada de um texto eleito pelo grupo. A seguir faziam um mergulho maior na publicação em busca das páginas ou textos mais atrativos ou de maior interesse e justificando esses destaques. Pedíamos críticas quanto à forma, conteúdos, linguagens etc. Então, já com um grau de apreensão suficiente do material, partiam para pensar os usos e as possibilidades do Almanaque em suas respectivas práticas pedagógicas.

Os trabalhos em grupos eram sintetizados em papel pardo e socializados em plenária onde o debate se estendia. Em termos de reflexão e aprofundamento pedagógico esse era o momento mais significativo da oficina em que experiências, sugestões, críticas eram trocadas. Para nós era a demonstração do grau de apropriação do Almanaque a que o coletivo havia chegado.

A etapa de finalização que envolvia a atividade da síntese criativa e a própria avaliação, a depender do contexto da oficina, variava um pouco, e estava estreitamente relacionada ao tempo disponível. Muitas vezes, as questões vinculadas à avaliação já faziam parte do trabalho de grupo. Mas o momento mais bonito era

aquele em que se pedia a cada um(a) para expressar a vivência daquela oficina através de uma atividade criativa. Recorrendo à diversidade de materiais que colocávamos à disposição, todos(as) mergulhavam na sua imaginação criativa e produziam, numa concentração impressionante, uma infinidade de trabalhos. Depois, cada um(a) explicava para o grupo o que significava a sua composição. Seria impossível, aqui, relacionar e qualificar o que foi produzido nesse conjunto de oficinas, mas variava desde a criação de poesias, cantos, colchas de retalho, desenhos com tecido, com cores, sementes, com papéis, bonecos e bandeiras, com as mais diferentes expressões. Esse detalhamento está descrito nos relatórios das oficinas (v. Anexo Oficinas)

Em geral, encerrávamos com a avaliação e com muita alegria e emoção de todos com os resultados obtidos. Os conteúdos dessas avaliações estão também registrados nos relatórios das respectivas oficinas reunidos no Anexo.

Abaixo apresentamos um quadro que visualiza, por ordem cronológica, o conjunto de todas as oficinas realizadas durante o período reservado à execução do último adendo ao convênio SAPÉ-SECAD/MEC.

**5. MAPA DE REALIZAÇÃO DAS OFICINAS DO ALMANAQUE DO ALUÁ Nº 2**

<b>Nº</b>	<b>Mês</b>	<b>UF</b>	<b>Cidade</b>	<b>Responsáveis pela articulação e organização da oficina</b>	<b>Oficineiros</b>	<b>Nº de participantes</b>
01	março	RJ	Nova Iguaçu (*)	Fórum Mundial de Educação/SAPÉ	Cleide Leitão e Renato Costa	11
02	maio	MG	Belo Horizonte	Fórum EJA Mineiro	Alexandre Aguiar e Cleide Leitão	43
03	maio	ES	Vitória	Fórum EJA do Espírito Santo e NEJA/UFES	Renato Costa e Joselice Silva	32
04	junho	RJ	Rio de Janeiro	Fórum EJA do Rio de Janeiro	Cleide Leitão e Renato Costa	37
05	junho	PB	João Pessoa	Fórum EJA da Paraíba	Rute Rios e Ana Ribeiro	34
06	junho	RN	Natal	Fórum EJA do Rio Grande do Norte	Rute Rios e Ana Ribeiro	33
07	junho	RS	Porto Alegre	Fórum EJA de Porto Alegre/SESI	Alexandre Aguiar e Socorro Calháu	25

<b>Nº</b>	<b>Mês</b>	<b>UF</b>	<b>Cidade</b>	<b>Responsáveis pela articulação e organização da oficina</b>	<b>Oficineiros</b>	<b>Nº de participantes</b>
08	junho	MA	São Luís	SEDUC/SUPEJA	Joselice Silva e Renato Costa	35
09	julho	PI	Teresina	Fórum EJA do Piauí e SEDUC/UECAD	Renato Costa e Joselice Silva	30
10	julho	CE	Fortaleza	Fórum EJA do Ceará e SESC	Renato Costa e Joselice Silva	37
11	julho	RJ	Niterói (**)	Faculdade de Educação da UFF	Aída Bezerra e Socorro Calháu	33
12	julho	RJ	Niterói (**)	Faculdade de Educação da UFF	Renato Costa e Socorro Calháu	30
13	julho	RJ	Rio de Janeiro (**)	PCRJ/Biblioteca Pública José de Alencar	Alexandre Aguiar e Joselice Silva	11
14	julho	BA	Salvador	Fórum EJA da Bahia	Cleide Leitão e Candida Gomes	42
15	julho	SE	Aracaju	Fórum EJS de Sergipe	Cleide Leitão de Candida Gomes	30
16	julho	AL	Maceió	Fórum EJA de Alagoas	Cleide Leitão e Candida Gomes	31

<b>Nº</b>	<b>Mês</b>	<b>UF</b>	<b>Cidade</b>	<b>Responsáveis pela articulação e organização da oficina</b>	<b>Oficineiros</b>	<b>Nº de participantes</b>
17	julho	AM	Manaus	Fórum EJA do Amazonas e SESC	Renato Costa e Aída Bezerra	32
18	julho	RR	Boa Vista	Fórum EJA de Roraima Secretaria Estadual de Educação	Renato Costa e Aída Bezerra	38
19/20/21/22	agosto	MG	Belo Horizonte (***)	Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte	Alexandre Aguiar e Aída Bezerra	120
23	agosto	MS	Campo Grande	Fórum EJA do Mato Grosso do Sul	Alexandre Aguiar e Joselice Silva	24
24	agosto	MT	Cuiabá	Fórum EJA do Mato Grosso do Sul e Conselho Estadual de Educação	Joselice Silva e Alexandre Aguiar	38
25	agosto	DF	Brasília	Fórum EJA do Distrito Federal/ UNB	Socorro Calháu e Alexandre Aguiar	30
26	agosto	TO	Palmas	Fórum EJA de Tocantins, SESI, ULBRA	Alexandre Aguiar e Socorro Calháu	36
27	agosto	GO	Goiânia	Fórum EJA de Goiás	Alexandre Aguiar e Socorro Calháu	33
28	agosto	PR	Curitiba	Fórum EJA do Paraná	Renato Costa e Joselice Silva	34

<b>Nº</b>	<b>Mês</b>	<b>UF</b>	<b>Cidade</b>	<b>Responsáveis pela articulação e organização da oficina</b>	<b>Oficineiros</b>	<b>Nº de participantes</b>
29	agosto	SP	São Paulo	Fórum EJA de São Paulo	Joselice Silva e Renato Costa	27
30	agosto	SC	Florianópolis	Fórum EJA de Santa Catarina	Renato Costa e Joselice Silva	24
31	setembro	PE	Recife	Fórum EJA de Pernambuco e Secretaria Estadual de Educação	Roberto de Lira e Aída Bezerra	20
32	setembro	PA	Santarém (**)	Secretaria Municipal de Educação de Santarém	Luciana Carvalho e Renato Costa	37
33	setembro	PA	Belém	SESC/Pará	Renato Costa e Luciana Carvalho	52
34	setembro	AP	Macapá	Fórum EJA do Amapá e SESC	Renato Costa e Luciana Carvalho	29
35	setembro	AC	Rio Branco	Fórum EJA do Acre	Alexandre Aguiar e Joselice Silva	42
36	setembro	RO	Porto Velho	Fórum Rondoniense de EJA e SESC	Joselice Silva e Alexandre Aguiar	24
37	outubro	RJ	Rio de Janeiro (**)	PEJA/Sec. Municipal de Educação e PUC Rio	Socorro Calháu e Joselice Silva	19

<b>Nº</b>	<b>Mês</b>	<b>UF</b>	<b>Cidade</b>	<b>Responsáveis pela articulação e organização da oficina</b>	<b>Oficineiros</b>	<b>Nº de participantes</b>
38	outubro	MG	Viçosa (**)	Fórum Regional do Sudeste, Secretaria Municipal de Educação e UFV	Aída Bezerra e Renato Costa	24
39	outubro	MG	Contagem (***)	Pró-jovem	Alexandre Aguiar	29
40	outubro	MG	Contagem (***)	Pró-jovem	Alexandre Aguiar	33
41	novembro	RJ	Rio de Janeiro	UERJ/ Faculdade de Educação (Profa. Eliane Ribeiro)	Alexandre Aguiar e Joselice Silva	17
42	novembro	RJ	Rio de Janeiro	VII Amostra Histórico-geográfica, IFCS/UFRJ	Joselice Silva e Renato Costa	42
43	dezembro	RJ	Nova Iguaçu	Grupo de educadores da AEC	Aída Bezerra e Renato Costa	16

**Obs.** Ao longo do período de execução do Projeto, respondendo a diferentes demandas, foram realizadas 16 oficinas, acima previsão mínima estabelecida em convênio, sendo 8 no estado do Rio de Janeiro, 7 no estado de Minas Gerais e 1 no Pará.

(\*) Oficina experimental realizada no âmbito do Fórum Mundial de Educação, em Nova Iguaçu/RJ, sem custos para o Projeto

(\*\*) Oficinas parcialmente custeadas pelo Projeto

(\*\*\*) Oficinas totalmente custeadas pelos convocadores

## RESUMO

Nº de oficinas	Período de execução das oficinas	Nº de UF atendidas	Nº de oficinairos mobilizados	Total de participantes das oficinas	Média de participantes por oficina
43	março/dezembro 2006	27	11	1304	30

### 6. Agenda Futura

Além das oficinas extras realizadas para responder às insistentes demandas de organizações, universidades, prefeituras e programas diversos, ainda restou uma agenda que nos foi impossível cumprir dentro do prazo do Projeto. Guardamos esses pedidos que serão negociados entre o SAPÉ e as organizações solicitantes ao longo do primeiro semestre de 2007.

Nº	Mês	UF	Cidade	Responsáveis pela articulação e organização da oficina	Oficineiros	Nº de participantes
01	janeiro	RJ	Rio das Ostras	UERJ/Faculdade de Educação – Prefeitura de Rio das Ostras	Renato Costa	22
02	janeiro	RJ	Rio das Ostras	UERJ/Faculdade de Educação – Prefeitura de Rio das Ostras	Renato Costa	23
03	abril	RJ	Bracuí – Angra dos Reis	Pró- Índio (UERJ)	Joselice Silva e Renato Costa	?
04	?	RJ	São Gonçalo	Bibliotecas Comunitárias vinculadas ao CAMPO (ong)	?	?
05	?	RJ	Rio de Janeiro	SEAP – Secretaria de Administração Penitenciária/RJ	?	?
06	?	RJ	Três Rios	Prefeitura Municipal de Três Rios	?	?

## **VI – Finalizações**

### **1. Acervo bibliográfico e iconográfico**

A amplitude da temática do Almanaque do Aluá nº 2 gerou uma pesquisa bibliográfica e iconográfica bastante extensa. O material coletado durante o processo de produção do Almanaque foi normalmente muito maior que o efetivamente publicado. Sendo assim, os textos e imagens restantes foram organizados, catalogados e arquivados pela equipe do SAPÉ para utilização e/ou disponibilização em outros possíveis materiais a serem elaborados. Essa é também uma tarefa bastante extensa por que demanda o ordenamento de todos os textos e imagens utilizados e a sua devida localização dentro do universo da pesquisa.

### **2. O Caráter público do Almanaque do Aluá.**

Desde a sua primeira edição, o Almanaque do Aluá guarda a característica de ser um material público, com distribuição gratuita. A edição experimental (1992) teve uma tiragem de 2000 exemplares e uma distribuição controlada diretamente pelo SAPÉ. O Almanaque nº 1 aumentou o escopo da tiragem para 5000 exemplares, cuja distribuição ainda pôde ser acompanhada pela equipe do SAPÉ. A parceria com a SECAD/MEC, para a edição do Almanaque nº 2, garantiu não só a ampliação do número de exemplares, mas também a sua vocação permanentemente pública, fazendo chegar a publicação às mãos de alfabetizadores e professores de EJA nos lugares mais distantes desse país.

Contudo, embora uma tiragem de 330.000 pareça grande à primeira vista, quando pensamos no número de escolas, educadores e alunos de EJA espalhados pelo país vemos que esse vulto não é tão grande assim. Com a realização das oficinas do Almanaque do Aluá, nos 27 estados, verificou-se uma demanda enorme de grupos que demonstravam interesse na aquisição do Almanaque. Dentre eles destacam-se: grupos responsáveis por processos de formação de professores de EJA, bibliotecas populares, movimentos sociais, universidades e faculdades, ongs, e mesmo algumas Secretarias Municipais (que pensavam numa distribuição maior para todos os professores da rede) e pessoas físicas inseridas em experiências de educação popular.

Procurando então ampliar o acesso e a publicização do Almanaque do Aluá, os arquivos eletrônicos do Almanaque nº 2 e exemplares impressos do Almanaque nº 1 e zero foram enviados ao MEC para a sua disponibilização no site: [www.doniniopublico.org.br](http://www.doniniopublico.org.br).

### **3. Avaliação e Banco de Dados**

O projeto: “*Almanaque do Aluá: leitura, formação e cultura*”, já na sua concepção previa um processo de avaliação, que consistia na:

“(…) atualização do banco de dados a partir do mapeamento das experiências que receberam a publicação e de uma sondagem junto aos usuários do almanaque. O retorno e processamento das informações permitirão uma sistematização qualitativa dos efeitos do almanaque considerando os grupos diversificados de leitores e o impacto da leitura no cotidiano desses atores.”

A tiragem de 330.000 exemplares e a sua distribuição nas escolas de EJA de todo o país foram fatores determinantes para que esse processo de avaliação fosse revisto. A equipe do SAPÉ construiu, ao longo da execução do projeto, uma nova estratégia de avaliação que se desenhou da seguinte forma:

1. a inclusão, no almanaque, de uma ficha de avaliação, denominada – “Roteiro de Observação do Almanaque do Aluá nº 2”;
2. a construção de um novo Banco de Dados;
3. o processamento dos dados qualitativos do roteiro de observação;

A abrangente distribuição do Almanaque, cobrindo todo o território nacional, e a falta de recursos para um acompanhamento mais próximo dos usuários diretos da publicação, restringiu a avaliação do Almanaque à análise das respostas dos educadores nos roteiros de observação enviados, por eles, à equipe do SAPÉ. As respostas objetivas desses roteiros foram computadas num programa de banco de dados chamado *EpiInfo 2002* e, os comentários a essas respostas, cartas e anotações feitas no corpo do roteiro, inseridas num programa de pesquisa, chamado *Ehtnograph*.

Apesar da impossibilidade de acompanhar a utilização do Almanaque por seus leitores, a sistematização dos roteiros de observação através deste Banco de Dados já apresenta pistas bastante relevantes sobre como esses leitores avaliam o Almanaque do Aluá nº 2. Com o processamento desse material, o projeto não termina sem ter um retorno dos grupos que tiveram acesso ao Almanaque em todas as partes do país.

Devido ao acúmulo de informações e necessidade de adequações no programa de compatibilização de dados, a parte qualitativa da avaliação não pôde ser processada a tempo de ser incluída neste relatório. Ela será enviada, posteriormente, em relatório complementar.

- **Roteiro de observação**

O roteiro de observação foi incluído na última página do almanaque. Ele tinha o formato de uma ficha-questionário destacável, composto por três partes distintas, contendo:

- uma folha de rosto com a identificação da pessoa que prestava as informações;
- questões objetivas sobre o conteúdo e a forma do Almanaque;
- espaço livre para comentários subjetivos referentes às questões objetivas.

- **Banco de dados**

A especificidade do Almanaque do Aluá nº 2, caracterizada pelo seu público focado em professores e alunos de EJA e pelo local privilegiado de sua distribuição, escolas de EJA em todo o país, revelou a necessidade de criar uma ficha de avaliação que tentasse captar a maneira como esses grupos se apropriavam do material. Com isso, a idéia inicial de ampliar o banco de dados já existente, construído para o Almanaque do Aluá nº 1, não se sustentava. Foi preciso então criar um novo banco de acordo com as informações constantes do roteiro de observação do Almanaque do Aluá nº 2.

O trabalho de construção desse novo Banco de Dados começou pela ordenação e arquivo dos roteiros recebidos, que foram divididos por estado e em seguida colocados em ordem alfabética por municípios. Isso facilitava tanto o manuseio quanto a consulta do material. Em seguida, os roteiros foram numerados para manter o controle durante a digitação e facilitar a localização das fichas caso fosse necessário.

Após esse processo de arquivamento das fichas, grande parte dos roteiros foi lida com o objetivo de ajudar na montagem do Banco e na criação de categorias de sistematização. Esse trabalho prévio foi necessário porque as respostas encontradas nos roteiros eram muito diferentes umas das outras e muitas delas se distanciavam das questões incluídas no roteiro. Somente com essa leitura prévia foi possível adequar as questões colocadas no Banco de Dados às possibilidades de respostas encontradas nos roteiros. Em seguida foram feitas algumas reuniões para a análise da proposta de montagem do Banco de Dados e, finalmente, depois de realizados os ajustes, foi feita uma primeira testagem antes de iniciar a digitação.

Apesar dos roteiros continuarem chegando pelo correio, mesmo depois de 02/01/2007, a equipe do SAPÉ decidiu compor, como primeiro montante de dados a serem computados no banco, as informações constantes dos 752 roteiros de observação que chegaram ao SAPÉ até o final do ano de 2006, quando se encerraram oficialmente as atividades do Projeto. Os roteiros que chegaram após esta data serão incluídos, posteriormente, como forma de atualização do Banco de Dados.

- **Processamento do Banco de Dados**

Apresentamos a seguir alguns destaques do processamento do Banco de Dados. O conjunto das tabelas que sistematiza o trabalho de avaliação realizado encontra-se em anexo a este relatório e permitem uma análise mais aprofundada do que pensam os leitores do Almanaque. Nesta parte do relatório, ressaltamos apenas um resumo das principais questões que emergem dos dados apresentados por essas tabelas.

Os 752 roteiros respondidos chegaram de todos os estados, com exceção do estado de Roraima. Como podemos perceber na tabela abaixo, a região Nordeste foi a que mais se fez presente na avaliação do almanaque enviando suas contribuições através do roteiro de observação.

**Tabela 1. Distribuição por Região**

Região	Frequência	%	% acumulado	
CO	27	3,6%	3,6%	
N	31	4,1%	7,7%	
NE	498	66,2%	73,9%	
S	65	8,6%	82,7%	
SE	131	17,4%	100,0%	
<b>Total</b>	<b>752</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	

Mesmo quando observamos a origem dos roteiros por estado, ainda podemos perceber a forte participação da região nordeste. Do conjunto de estados brasileiros, o que mais enviou o roteiro de observação para o SAPÉ foi a Bahia,

seguido do Piauí, Ceará e Pernambuco. Na tabela abaixo podemos perceber a participação de cada estado no envio das avaliações.

**Tabela 2. Distribuição por Estado**

Estado	Frequência	%	% acumulado	
AC	1	0,1%	0,1%	
AL	14	1,9%	2,0%	
AM	4	0,5%	2,5%	
AP	1	0,1%	2,7%	
BA	82	10,9%	13,6%	
CE	73	9,7%	23,3%	
DF	3	0,4%	23,7%	
ES	2	0,3%	23,9%	
GO	7	0,9%	24,9%	
MA	75	10,0%	34,8%	
MG	46	6,1%	41,0%	
MS	8	1,1%	42,0%	
MT	9	1,2%	43,2%	
PA	17	2,3%	45,5%	
PB	73	9,7%	55,2%	
PE	62	8,2%	63,4%	
PI	77	10,2%	73,7%	
PR	30	4,0%	77,7%	
RJ	23	3,1%	80,7%	
RN	34	4,5%	85,2%	
RO	3	0,4%	85,6%	
RS	23	3,1%	88,7%	
SC	12	1,6%	90,3%	
SE	8	1,1%	91,4%	
SP	60	8,0%	99,3%	
TO	5	0,7%	100,0%	
<b>Total</b>	752	100,0%	100,0%	

Nessa distribuição identificam-se roteiros vindos de 422 municípios diferentes. Como era de se esperar, a participação feminina é surpreendentemente superior. De 752 roteiros, 613 foram enviados por pessoas do sexo feminino. O que se justifica pela sua distribuição, principalmente nas escolas, onde os educadores são preponderantemente do sexo feminino.

**Tabela 3. Distribuição por Sexo do respondente**

<b>Sexo</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% acumulado</b>	
<b>F</b>	613	82,2%	82,2%	
<b>M</b>	133	17,8%	100,0%	
<b>Total</b>	746	100,0%	100,0%	

Estão representados, neste universo de 752 roteiros de observação, educadores que atuam em experiências escolares que vão desde a pré-escola até a universidade. Essas informações nos revelam a enorme abrangência da distribuição feita pelo Almanaque do Aluá, seja no envio realizado pelo MEC/SECAD ou pelas oficinas. A grande maioria dos que responderam ao roteiro se define como alfabetizadores e professores de EJA, e um número considerável se identifica como professor de zona rural; o que também indica que a distribuição do almanaque não ficou concentrada nas zonas urbanas e nas capitais.

No que diz respeito à avaliação mais restrita à publicação, seu conteúdo e forma, alguns aspectos nos chama a atenção. A grande maioria dos leitores considera simples a linguagem encontrada nessa publicação. Eles destacam também que a leitura que o Almanaque mais sugere é a leitura coletiva, compartilhada.

Como esse número do Almanaque teve uma entrada muito grande nas escolas, a forma de uso mais destacada pelos leitores está ligada às experiências escolares, a publicação é muito reconhecida como material didático e fonte de consulta e estudo. Um número bem menor de leitores diz que o Almanaque é também uma fonte de lazer.



Almanaque

[Do árabe al-manakh.]

S. m. Publicação que, além de calendário completo, contém matéria recreativa, humorística, científica, literária e informativa.  
(...)

Novo Dicionário da Língua Portuguesa - Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Editora Nova Fronteira - 2ª edição, revista e aumentada, 1986.

**SARE**

Ministério  
da Educação

**ROSL**  
RECURSOS  
GOVERNOS  
EDUCACIONAIS  
GOVERNO FEDERAL



RIO DE JANEIRO  
FEVEREIRO DE 2007